

Recensão

FERRO, Lúgia; POVEDA, David (eds.) (2019), *Arts and Ethnography in a contemporary world: From learning to social participation*, London, Tufnell Press. ISBN 978-1-87276-779-6

Pedro Varela

O livro “*Arts and ethnography in a contemporary world: From learning to social participation*”, editado por Lúgia Ferro e David Poveda, apresenta nove capítulos de dezassete autores, com pesquisas que cruzam temas das artes e da educação através da metodologia etnográfica. Este livro transporta-nos para diversos campos de investigação, colocando-nos importantes discussões metodológicas e teóricas, a partir de abordagens multidisciplinares.

Os capítulos desta obra surgem dos contributos de académicos, educadores, estudantes e artistas que participaram na conferência ETHNOARTS, que se realizou na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2017. A motivação para organizar esse encontro remonta a 2015, quando decorreu a *Oxford Ethnography and Education Conference*. Na introdução, os editores referem que aí surgiu o desejo de colocar em diálogo diferentes perspetivas sobre o papel da etnografia na abordagem às práticas artísticas e educativas. Os textos que este livro reúne são de especial interesse para profissionais das ciências sociais, bem como de educadores e artistas que têm interesse na etnografia.

Através do livro somos levados para lugares onde as artes e as ciências sociais se cruzam como um espaço privilegiado, dinâmico e inovador de interpretação do mundo contemporâneo. Os autores apresentam-nos, assim, as suas experiências e discussões teóricas; mas, por vezes, também nos revelam as suas dúvidas e os limites das suas abordagens. É, nesse sentido, que ao longo do livro emergem questões metodológicas em contextos onde as artes desempenham um papel fundamental como ferramenta de intervenção social, participação e mudança.

Partindo da experiência de autores de diversos países como o Reino Unido, Portugal, Espanha, Chile ou Suécia; e com pesquisas em vários territórios do mundo, este livro cruza disciplinas académicas como a sociologia, a antropologia, a psicologia ou a educação. Sendo que os terrenos de observação passam por escolas, museus, associações, instituições, ruas de cidades, trilhos do campo ou espaços de improvisação musical. Deparamo-nos também com comunidades urbanas, rurais ou indígenas. Nestes espaços diversos e através da observação participante, os pesquisadores analisam dinâmicas e processos de aprendizagem e participação social. Ao longo

dos capítulos do livro, várias práticas artísticas, como a pintura, a escultura, o *grafitti*, a escrita, o teatro ou a música, encontram-se no centro da reflexão.

No primeiro capítulo da autoria de Pat Thomson, Amy McKelvie, Leanne Turvey e Alice Walton, baseado nas experiências de professores e antropólogos em escolas de verão da Tate Modern e da Tate Britain em Londres, surge-nos um texto experimental e colaborativo. Aqui discute-se o papel da escrita etnográfica na antropologia em contextos de trabalho interdisciplinar onde as práticas artísticas têm um papel central.

No capítulo seguinte, através de uma etnografia realizada por Anton Franks, conhecemos um programa artístico de base comunitária na *Serpentine Gallery* em Londres. Neste âmbito, artistas, curadores, educadores e investigadores refletem sobre novas formas de brincar dirigidas e construídas por crianças. Numa abordagem conhecida como *Changing Play*, surgem novos olhares sobre a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

No terceiro capítulo, ficamos a conhecer uma pesquisa realizada por Maria Vigo e Denis Beach, numa pequena escola rural espanhola em Aragão. Os autores tentam compreender o papel das artes no domínio dos processos de aprendizagem dos estudantes. Num ambiente onde a heterogeneidade domina a sala (diferentes idades, anos escolares, origens socioculturais e geográficas), o ensino criativo vai suportar uma maior inclusão social das crianças.

Depois “viajamos” para uma ilha isolada do sul do Chile, Apiao, no arquipélago Chiloé. Neste local, a antropóloga Giovanna Bacchiddu e o artista Francisco Schwember exploram novas realidades numa sociedade indígena. Na escola estatal, as crianças apresentam dificuldades de autonomia na aprendizagem, quando no seu dia-a-dia fora da sala isso não acontece. Um novo olhar sobre os saberes ancestrais vem permitir novas abordagens educativas através de práticas e intervenções artísticas, partindo de uma lógica comunitária que estimula a participação.

Andrew Hewitt e Mel Jordan discutem o lugar da arte na sociedade e a sua relação com a sociologia no capítulo seguinte. Através dos projetos comunitários artísticos desenvolvidos em Northampton e Sheffield (*Free Art Collective* e *Forum for Democratic Practices*), os autores pretendem entender a importância do trabalho interdisciplinar entre artistas e sociólogos para o conhecimento da realidade, mas também os seus limites. Segundo os autores é importante compreender o “aspeto antagonista” de cada campo para que verdadeiros processos de interdisciplinaridade aconteçam.

No sexto capítulo somos levados para uma prisão portuguesa, onde o etnoteatro é usado como ferramenta etnográfica por Ricardo Seíça Salgado. Sendo o espaço carcerário limitado para as técnicas de observação, o etnoteatro torna-se uma abordagem fundamental para realizar observação participante e compreender esta realidade. A dramatização de aspetos da vida real permite uma expansão das possibilidades do trabalho etnográfico.

Geoff Bright e Anton Hunter realizam um estudo em Manchester sobre o coletivo de improvisação musical *Manchester Improv Collective*. Este projeto é caracterizado por relações não hierárquicas e abordagens igualitárias horizontais. No entanto, no seu interior continuam a refletir-se as diferenças de classe, de género e étnico-raciais existentes no resto da sociedade.

Também em Manchester, Harriet Rowley mostra-nos o projeto *Partispace* onde é realizada uma etnografia sobre uma instituição de apoio social que utiliza a arte para transformar a vida de pessoas sem-abrigo. Surge, então, a discussão das possibilidades e limites das práticas artísticas como forma de ajudar pessoas nestas condições.

Por fim, percorremos um bairro de maioria negra dos subúrbios de Lisboa, que foi transformado numa das maiores galerias de arte urbana da Europa. Otávio Raposo acompanha jovens guias que mostram a “galeria” da Quinta do Mocho a visitantes. Num contexto onde a comunidade está confrontada com o lado positivo e negativo das mudanças que surgiram no bairro, a população reivindica o seu papel nessa transformação.

Já há muito que a etnografia ultrapassou as fronteiras da antropologia, tendo sido adotada por outras disciplinas das ciências sociais, primeiramente com mais intensidade na sociologia, e até por outras áreas do saber como as artes. As pesquisas multidisciplinares que surgem neste livro demonstram esta realidade fértil e dinâmica. No entanto, alguns perigos espreitam a etnografia. A velocidade exigida na produção académica impede muitas vezes trabalhos de campo longos e aprofundados. Sabemos também que hoje em dia, o uso da etnografia deve contornar alguns aspetos mais clássicos de um realismo naífe, mas também devemos rejeitar a total relativização (Hammersley, 1992). Já no âmbito das etnografias nas artes, Hal Foster alerta para o perigo das “pseudo-etnografias”, que utilizando a autoridade da etnografia, fazem falsas abordagens colaborativas com as comunidades (Foster, 1995).

Num momento em que existe um crescente interesse sobre pesquisas que ligam diferentes disciplinas, este livro traz-nos relevantes experiências etnográficas, discussões metodológicas e teóricas numa obra multidisciplinar. É nesse cruzamento das ciências sociais com as artes que se abrem novas possibilidades, seja para as práticas etnográficas como uma importante forma de análise e interpretação da realidade, seja como uma ferramenta para impulsionar processos de aprendizagem, participação e transformação social.

FERRO, Lúgia; POVEDA, David (eds.) (2019), *Arts and Ethnography in a contemporary world: From learning to social participation*, London, Tufnell Press. ISBN 978-1-87276-779-6
Pedro Varela, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXXX, pp. 123-126.

Referências Bibliográficas

FOSTER, Hal (1995), “The artist as ethnographer?”, Marcus, George; Myers, Fred (eds.), *The Traffic in Culture: Refiguring Art and Anthropology*, Berkeley, University of California Press, pp. 302-309.

HAMMERSLEY, Martyn (1992), *What's wrong with Ethnography?*, New York, Routledge.

Pedro Varela. Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. Colégio de S. Jerónimo.
Apartado 3087, 3000-995 Coimbra, Portugal. Email: pedromfvarela@gmail.com